

LITERATURA E SOCIEDADE

Nesta edição de número 16, a revista *Scripta Alumni* apresenta um dossiê sobre a relação entre texto literário e sociedade. Diante desse tema, a referência obrigatória é o crítico Antonio Candido, que escreveu um livro fundamental para todos que se dedicam à área de Teoria Literária: *Literatura e sociedade*. Portanto, abrimos este número com as palavras do autor, que menciona que o entendimento do texto depende essencialmente da fusão entre:

(...) texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*. (CANDIDO, 2006, p. 13-14, ênfase no original)¹

A citação acima já nos dá a medida da importância do aspecto social para o texto literário. A sociedade é muito mais do que mera influência e passa a formar e a compor a arte ficcional, ainda que nas entrelinhas, transmutada ou camuflada pelos artifícios da arte. Aliás, isso também é discutido por Candido, que nos chama a atenção para a “relação arbitrária e deformante que o trabalho artístico estabelece com a realidade, mesmo quando pretende observá-la e transpô-la rigorosamente, pois a mimese é sempre uma forma de *poiesis*” (CANDIDO, 2006, p. 21, ênfase no original).

Portanto, a presença da sociedade no texto ficcional não garante nem exige conformidade. Pelo contrário, o uso do social é necessário e constitui um exercício de representação e criticidade, que pode oscilar do documental à ironia, sem a exigência de se fixar em um dos lados. Nesse sentido, Antonio Candido estabelece dois tipos de arte,

¹ CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.



“de agregação” e “de segregação” (CANDIDO, 2006, p. 32), que diferem de acordo com seus posicionamentos diante da sociedade:

A primeira se inspira principalmente na experiência coletiva e visa a meios comunicativos acessíveis. Procura, neste sentido, incorporar-se a um sistema simbólico vigente, utilizando o que já está estabelecido como forma de expressão de determinada sociedade. A segunda se preocupa em renovar o sistema simbólico, criar novos recursos expressivos e, para isto, dirige-se a um número ao menos inicialmente reduzido de receptores, que se destacam, enquanto tais, da sociedade. (CANDIDO, 2006, p. 32)

Para apresentar e discutir esses distintos modos de representação da sociedade na literatura, foram selecionados onze trabalhos, os quais se encontram distribuídos em três seções:

- *Questões de (con)texto*
- *Arte e sociedade no novo século*
- *O sujeito em sociedade*

A primeira parte, *Questões de (con)texto*, que reúne quatro artigos, demonstra bastante bem as nuances adquiridas pelo aspecto social na literatura, tema também discutido por Peter Burke, que alerta: “A tentação a que o historiador cultural não deve sucumbir é a de tratar os textos e as imagens de um certo período como espelhos, reflexos não problemáticos de seu tempo” (BURKE, 2008, p. 21)². Nessa perspectiva, o primeiro trabalho, intitulado *A Ética aristotélica à luz de suas referências*, associa a concepção de Aristóteles à cultura grega, enfocando processos de “contraposição, justaposição e aglutinação” no que se refere àquelas época e sociedade específicas.

O segundo artigo, *O limite entre natureza e civilização: o problema da humanização à luz da ficção de Guimarães Rosa*, opõe, de início, os mundos natural e ficcional, tratados respectivamente como caótico e organizado, conforme o pensamento de Antonio Candido, principal base teórica utilizada pelo autor. Entretanto, o trabalho propõe

² BURKE, P. *O que é história cultural?* 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.



novo modo de analisar os dois elementos, que passam a ser encarados como complementares, e não simplesmente opostos.

O terceiro trabalho, cujo título é *Retratos femininos em "O retrato de Ricardina"*, de Camilo Castelo Branco, aborda a relação entre literatura e sociedade a partir da sociedade patriarcal portuguesa do século XIX. Desse modo, a autora apresenta dois movimentos diferentes do escritor, de conformidade e de oposição, duplicidade necessária e, portanto, inerente aos discursos que debatem a questão dos gêneros. Aliás, essa dualidade é também percebida nas mulheres e, conseqüentemente, nos personagens femininos, que correspondem ao perfil que lhes é imposto, ao mesmo tempo em que o confrontam e o questionam.

No último artigo da seção, sob o título *A varíola como personagem no conto "A peste"*, de João do Rio, analisa-se a influência da varíola na mudança de comportamento social, no Rio de Janeiro do século XX. A epidemia é um fato histórico que, quando aproveitada como material, em um texto de ficção, resulta em uma representação específica, que demonstra alterações muito relevantes nos personagens e em toda a narrativa, remodelando o mundo e as relações.

Como se vê, de modo claro, a primeira seção explora o tema desta edição da *Scripta Alumni* privilegiando o que Antonio Candido considera essencial, na Sociologia da Literatura: "(...) estabelecer correlações entre os aspectos reais e os que aparecem no livro. Quando se fala em crítica sociológica, ou em sociologia da literatura, pensa-se geralmente nessa modalidade" (CANDIDO, 2006, p. 19).

A seção dois, *Arte e sociedade no novo século*, traz três artigos. Sob o título *Palimpsestos sobre palimpsestos: decifrando "S."*, de J. J. Abrams e Doug Dorst, o artigo que introduz essa parte privilegia a estrutura da obra, múltipla e surpreendente, pelo cruzamento entre textos literários e extraliterários. Essa característica do livro serve à autora na investigação do jogo que escritores e obra estabelecem com o leitor e do papel deste como intérprete e coautor. Na combinação proposta pelo livro, tudo o que é extraliterário acaba por adquirir o *status* de literatura, ultrapassando fronteiras, em favor da multiplicidade, já que, em *S.*, "as práticas midiáticas não ocorrem em isolamento, mas em uma 'dialética constante'" (RAJEWSKY, 2005, p. 24, ênfase no original)³.

³ RAJEWSKY, I. Intermediality, intertextuality and remediation: a literary perspective on intermediality. *Intermédiatés/intermedialities*, n. 6, Montreal, 2005, p. 43-64.



Intitulado *Vampiros e zumbis do século XXI*, o segundo trabalho da seção explora os conceitos de “tradição” e “tradução”, de Stuart Hall (2001)⁴, para discutir a retomada da estética gótica em nossa época. Focalizando épocas e contextos distintos, a adaptação do tema e dos personagens é necessária não apenas por causa da atualização e do público, mas também pela ideologia do autor contemporâneo, que emoldura os elementos de maneira a poder corresponder ao seu contexto social. Nesse processo, podem ser aproveitadas as palavras de Antoine Berman, que, embora usando a tradução de poemas como exemplo, faz menção a essa transformação especial: “Arrancado de seu solo, o poema corre o risco de perder seu frescor. Mas o tradutor o coloca na taça fresca de sua própria língua e ele floresce de novo, como se ainda estivesse *sobre o solo materno*” (BERMAN, 2002, p. 122)⁵.

O terceiro artigo da seção, “*Ex-machina*”: *a relação criador-criatura e a construção da “fembot”*, vai além do confronto anunciado já no título e problematiza a oposição homem / máquina. Na sociedade atual, a predominância da tecnologia trouxe novamente à tona essa discussão clássica, associada a vários mitos e a personagens de relevo, na cultura mundial. Com base nos postulados de Fátima Régis, é possível entender a razão desse assunto tão polêmico, afinal, conforme a autora, “a diferença entre homens, animais e máquinas é (...) de complexidade, não de natureza” (RÉGIS, 2012, p. 82)⁶. Entretanto, a cibernética diminuiu expressivamente essa diferença:

(...) o estatuto da máquina muda. (...). Só os seres vivos eram organizados. A cibernética revoluciona a ideia de máquina e de organização. As noções de controle, retroalimentação (...) e tratamento de informação quantificada aplicadas às máquinas (...) fazem surgir (...) *máquinas organizadas*. (RÉGIS, 2012, p. 109, ênfase no original)

Na última seção, denominada *O sujeito em sociedade*, estão reunidos quatro artigos. O primeiro deles, *O “Diário íntimo” de Lima Barreto: imagens e deslocamentos*, parte do princípio de que a autobiografia contribui para que o autor, agora também personagem,

⁴ HALL, S. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A, 2001.

⁵ BERMAN, A. *A prova do estrangeiro*. São Paulo: EDUSC, 2002.

⁶ RÉGIS, F. *Nós, ciborgues: tecnologias de informação e subjetividade homem-máquina*. Curitiba: Champagnat, 2012.



assuma a voz e o controle para falar sobre raça, classe social e preconceito, respondendo de modo mais enfático ao discurso hegemônico. Embora a autora afirme, ao longo do artigo, que sua preocupação não é com a identidade, o trabalho não deixa de desempenhar essa função, pois a escolha da obra e a própria análise iluminam outro lado da obra e do escritor, colocando em discussão boa parte da crítica que se estabeleceu ao longo de décadas.

Dentro e fora de casa: outros espaços da peça "Dancing at Lughnasa", de Brian Friel, é o segundo artigo da seção. Seus temas são a memória e o conceito de família (hoje fluido e transitório), em combinação perfeita com a disjunção de planos, que, por sua vez, ilustra magistralmente a difícil relação entre identidade e alteridade. No ato de lembrar, o presente se mescla ao passado e o personagem acumula funções: é *ego* e *alter* ao mesmo tempo, distanciando-se de si próprio, por alguns instantes, com a possibilidade de se observar de fora, objetivamente.

O terceiro trabalho, sob o título *A prosa autoteorizante em "Viagens na minha terra" e em "Amor de perdição" como contribuição ao letramento literário*, ao colocar em evidência a criticidade e a autoteorização, compara a consciência do autor romântico sobre a obra literária com o perfil crítico desejado ao aluno de Ensino Médio, de acordo com as orientações curriculares oficiais. Esse processo de autonomia e conscientização (de si mesmo e do outro) remodela a arte, a sociedade e as inter-relações, tanto na realidade quanto na ficção.

No quarto artigo, denominado *Afinidades eletivas: o cinema "avant la lettre" de Flaubert a Tsai Ming Liang*, duas épocas, dois estilos e dois tipos de arte são comparados, evidenciando os "malabarismos entre múltiplas culturas e múltiplas temporalidades" (STAM, 2006, p. 49)⁷. Além disso, analisa-se o homem contemporâneo frente aos desafios impostos pelo caos urbano, com suas múltiplas e desencontradas possibilidades, que contribuem sobremaneira para a fragmentação do sujeito.

Concluída a apresentação dos artigos desta edição, fica o convite para que o leitor escolha e analise cada texto, de forma atenta e cuidadosa, a fim de tentar perceber a confluência que dá título a este dossiê, sobre literatura e sociedade:

⁷ STAM, R. Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade. *Revista Ilha do Desterro*, n. 51, Florianópolis, jul./dez. 2006, p. 19-53.



A literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estas a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro (...). (CANDIDO, 2006, p. 84)

Com certeza, a cada leitura, os diferentes modos de entrelaçamento daquilo que é real com o que é ficcional irão nos possibilitar múltiplas perspectivas sobre a interferência da sociedade na literatura.

Verônica Daniel Kobs
Editora

